

PROJETO DE RAÇA E GÊNERO NA EDUCAÇÃO BÁSICA: aquilombar-se a partir da escola é (re)significar-se e ser autor/a da própria a história

**RACE AND GENDER PROJECT IN BASIC EDUCATION: building yourself from
school is (re) meaning and being author of your own history**

**PROYECTO DE CARRERA Y GÉNERO EN EDUCACIÓN BÁSICA: construirse de la
escuela es (re) significar y ser autor de su propia historia**

**Leila Soares de Sá Mota
Tereza Cristina Soares de Sá**

Resumo: Trazer as questões de etnia/raça e gênero para o contexto escolar não é tarefa fácil, mas de fundamental importância para a afirmação e validação da identidade dos/das estudantes, pois pode ajudar a reverter o quadro social repleto de injustiça e desigualdade que se estabeleceu desde a formação do povo brasileiro e que se arrasta de várias formas na sociedade e principalmente nos espaços escolares. Entendendo que essas questões também se tornam assunto impreterível, apresentamos esse trabalho como estudo de caso da Escola Municipal Themístocles Andrade, situado na zona periférica da cidade de Ilhéus, no exercício da execução da Lei 10639/03, a qual executa o Projeto interdisciplinar “Mulher Negra: a força que se explica”, desde o ano de 2014, afim de apresentar a resistência e superação da mulher negra ao longo da história do Brasil a partir da ancestralidade africana com a participação de algumas áreas de conhecimento.

Abstract: Bringing issues of ethnicity / race and gender into the school context is not an easy task, but it is of fundamental importance for the affirmation and validation of the students' identity, as it can help to reverse the social situation full of injustice and inequality that it has been established since the formation of the Brazilian people and has dragged on in various ways in society and especially in school spaces. Understanding that these issues also become an unavoidable issue, we present this work as a case study of the Municipal School Themístocles Andrade, located in the outskirts of the city of Ilhéus, in the exercise of the implementation of Law 10639/03, which executes the interdisciplinary Project “Woman Black: the force that can be explained”, since 2014, in order to present the resistance and overcoming of black women throughout the history of Brazil from the African ancestry with the participation of some areas of knowledge.

Resumen: Traer temas de etnia / raza y género al contexto escolar no es una tarea fácil, pero es de fundamental importancia para la afirmación y validación de la identidad de los estudiantes, ya que puede ayudar a revertir la situación social llena de injusticia y desigualdad que se ha establecido desde la formación del pueblo brasileño y se ha extendido de diversas maneras en la sociedad y especialmente en los espacios escolares. Entendiendo que estos problemas también se convierten en un problema inevitable, presentamos este trabajo como un estudio de caso de la Escuela Municipal Themístocles Andrade, ubicada en las afueras de la ciudad de Ilhéus, en el ejercicio de la implementación de la Ley 10639/03, que ejecuta el Proyecto interdisciplinario “Mujer Negro: la fuerza que se puede explicar”, desde 2014, para presentar la resistencia y la superación de las mujeres negras a lo largo de la historia de Brasil desde la ascendencia africana con la participación de algunas áreas del conocimiento.

Palavras-chave: educação básica; mulher negra; racismo.

Keywords: basic education; black woman; racismo.

Palabras claves: educación básica; mujer negra; racismo.

INTRODUÇÃO

A conjuntura de nossa sociedade, por conta do racismo institucional gerado no período colonial, no que se refere a questão de gênero/raça, proporciona uma relação bastante conflituosa, mostrando-nos registros e dados estatísticos sociais que evidenciam a mulher negra em condições desfavoráveis e inferiores em relação à não negra. Quando lançamos um olhar atento para o ambiente escolar, fazendo um recorte para as relações estabelecidas entre os grupos ali inseridos, mesmo tendo ciência da existência da Lei 10639/03 e seu desdobramento acerca do ensino da história e cultura afro-brasileira, notamos um espaço de segregação. Mesmo sendo esse seja um espaço sociocultural cuja diversidade cultural se manifesta em potencial, que contrariamente deveria ser o lugar de valorização dessa diversidade. Mas a práxis nos mostra que embora muitas ações já venham sendo feitas para garantir um espaço de equidade nesse ambiente (principalmente como execução Lei10639/03 e da 11.645/0811e seus desdobramentos acerca do ensino da história e cultura afro-brasileira), há ainda muito por fazer. Entendendo que trazer a questão racial e de gênero para a dialética do espaço escolar é condição fundamental para promoção de uma sociedade igualitária e plural, é que esse texto se propõe a relatar as práticas educativas desenvolvidas por professores/as e estudantes durante a execução de um Projeto na Escola Municipal Themístocles Andrade, situada no bairro Teotônio Vilela. Trata-se de um bairro novo nascido de uma invasão nos idos de 1988, localizado na zona oeste, às margens do Rio Fundão, situado na zona periférica da cidade, no sul da Bahia. Atualmente a escola comporta Fundamental II e EJA nos turnos matutino, vespertino e noturno, e a grande maioria dos matriculados é afrodescendente. Trata-se do Projeto interdisciplinar Mulher Negra: a força que se explica, cujo objetivo geral é apresentar a resistência e superação da mulher negra ao longo da história do Brasil a partir da ancestralidade africana. As ações consolidam práticas pedagógicas efetivas para o fortalecimento da identidade negra e traz para a visibilidade não apenas a atuação feminina, mas especificamente a mulher negra, no contexto social brasileiro. Assim, as autoras entendem que a inserção do dia 25 de julho, dia da Mulher Negra (dia da mulher Afro-latino-americana e Caribenha) seja inserido no calendário escolar para servir de instrumento de implementação da Lei 10.639/03. Esse é o mote para sustentar as atividades durante alguns anos seguidos. Sabemos dos registros estatísticos sociais que nos mostram a mulher negra em condições desfavoráveis e inferiores em relação à não negra ao longo da formação do povo brasileiro. Em nossa visão, pensar nessa data como motivadora representa uma prática pedagógica efetiva para o fortalecimento da identidade negra feminina na sociedade brasileira. A data na programação escolar oferece uma dinâmica ao fazer

pedagógico, pois sabemos da potência que é tratar essa questão, embora o mundo moderno nos aponte transformações na atuação feminina, a condição dessa mulher na sociedade ainda é marcada pelo binômio raça/ gênero, o que muitas vezes não é levado em consideração. O projeto foi executado pela primeira vez em 2014, como ação das professoras de Língua Portuguesa e Filosofia, a fim de efetivar a Lei que altera a LDB e propõe no Art. 26 – obrigatoriedade no ensino de História e Cultura Afro-Brasileira nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares. O que foi chamado de “Marco zero” repetiu-se no ano passado e certamente deverá continuar acontecendo, uma vez que em 2018 o Projeto já contou com participação de novas áreas do conhecimento: Matemática, História, Educação Física e Artes, reforçando a interdisciplinaridade. Percebe-se por conta disso, que este Projeto representa uma prática pedagógica efetiva para inserir o diálogo sobre uma temática ainda pouco discutida nas escolas fortalecimento da identidade afrodescendente a partir da visibilidade da atuação mulher negra na sociedade brasileira, pois sabemos que

[...] apesar das transformações nas condições de vida e papel das mulheres em todo o mundo, em especial a partir dos anos de 1960, a mulher negra continua vivendo uma situação marcada pela dupla discriminação: ser mulher em uma sociedade machista, e ser negra numa sociedade racista. (MUNANGA, 2006, p. 133).

Dessa forma, entende-se que ser mulher negra no Brasil é viver emocional e fisicamente mutilada, principalmente no que se refere a luta por direitos de igualdade tanto na questão de gênero quanto na racial, ou seja, ser mulher negra é viver tentando lutar contra os estigmas corrosivos dessa sociedade que tenta colocá-la sempre na subalternidade por ser mulher e/ou por ser negra.

METODOLOGIA

Considerando que o ensino da História e Cultura afro-brasileira tem sido um desafio para que a Lei 10639/03 esteja de fato consolidada, garantindo a presença da história e cultura dos povos africanos e afro-brasileiros e considerando ainda a dificuldade de implementação dessa lei ao longo desses dezesseis anos, trazemos como relato de experiência nossa participação no projeto Mulher Negra: a força que se explica, assim como o desenvolvimento das atividades realizadas desde 2014. A partir de oficinas temáticas; construção de mural, formação de grupos de dança; produção de micro seminários temáticos produzidos pelos (as) estudantes; produções de texto, elaboração de cartazes; participações em eventos promovidos por universidades (a Universidade Estadual de Santa Cruz, inclusive

é parceira do projeto desde o “marco zero”). A culminância das atividades, bem como as produções efetivadas desde o início do segundo trimestre são mediadas pelos (as) professores (as) e convidadas do bairro e da sociedade ilheense em geral. A escolha desta estratégia (contribuiu integrar os (as) envolvidos (as), oportunizando assim o contato e conhecimento de mulheres que fazem nossa história acontecer de forma bonita e digna. O primeiro passo que se dá é fazer a divulgação, prévia do Projeto e seus objetivos para a comunidade estudantil, na sequência, cada professor (a) vai desenvolvendo suas ações. Muitas delas se cruzam, e são realizadas concomitantemente nas áreas. É muito bonito presenciar um grupo grande de estudantes sendo coordenado por dois ou três professores (as) para realizar a mesma ação. De 2014 em diante, o projeto vem se repetindo, sempre com o mesmo tema, porém mudando o enfoque e algumas estratégias, assim, como a participação das convidadas, que costuma ser alterada. No ano da primeira realização, os temas da oficina foram: "Pedacões de mim: minha cor minha história", essa aliás foi a oficina temática de nossa responsabilidade; um momento de reflexão crítica que nos proporcionou o (re) conhecimento da nossa própria história, quem de fato somos, como nos vemos e como nós aceitamos. A oficina evidenciou relatos de mulheres negras em diversas situações de discriminação na sociedade. Esses relatos foram o ápice da oficina, pois muitas estudantes já tinham vivenciado situações parecidas e de fato sentiram na pele a dor da discriminação. Outra temática abordada no projeto: A mulher que marca a história brasileira tem uma cor. Os (as) estudantes participam ativamente das atividades propostas, envolvendo-se com entusiasmo. Nesse mesmo ano aconteceu o I Encontro de Mulheres sobre as questões negras. E no decorrer dos anos foram realizadas: oficinas; rodas de conversa; “cine atitude” (exibição de filmes temáticos); “As vias e as veias da mulher brasileira” (exposição fotográfica); levantamento bibliográfico de mulheres ancestrais; participação em eventos acadêmicos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Por sermos educadoras e estarmos em sala de aula vivenciando toda a dinâmica que esse espaço incorpora, sabemos dos percalços enfrentados para implementação da lei por conta da resistência que há para inserção de assuntos relativos a África e africanidade seu legado é que percebemos a significância das ações desenvolvidas nessa escola a partir do projeto em alusão. São meses dedicados a um conjunto de ações que penetram de cheio na realidade dos (as) estudantes, fazendo desconstruções de conceito errôneos e criando expectativas positivas para o fato de ser negro, gerando uma identificação com o continente africano e principalmente oportunizando a reflexão que gera na autoafirmação e no orgulho

de também possuir marcas identitárias desse continente. Nossa participação se deu inicialmente na condição de colaboradora externa, pois a residência no bairro e o contato direto com as autoras, nos permitiu ministrar oficina. Esse fato, aliás nos cativa para estarmos mais próximos, colaborando em outras instâncias que a escola necessite. Também possuímos participação e autora e idealizadora do projeto. As ações para o projeto em questão são planejadas pelos(as) professores(as) envolvidos no projeto, pois, embora interdisciplinar não conta ainda com a participação de todo o corpo docente. As áreas que atualmente atuam na interdisciplinaridade são: Língua Portuguesa, Filosofia, Matemática, História e Educação Física, áreas do conhecimento que foram se agregando ao decorrer dos anos. Os professores combinam entre si como desenvolveram a temática em sua área, utilizando-se do projeto como tema transversal e as ações vão se realizando apenas com os (as) estudantes dos professores(as) do projeto. O interessante é que estes cinco professores(as) conseguem atingir quase todos os anos cerca de oitenta por cento do alunado. É muita gente envolvida, muita troca de informações, alegrias, criatividade e afetividade. Dizemos afetividade, pois percebemos que os(as) estudantes sentem-se mais confiantes no processo escolar, mais próximo dos(as) professores(as) e é notória uma certa cumplicidade no desenvolvimento das ações. O Projeto sempre realiza atividades diferenciadas que comunicam rapidamente ao alunado e isso faz toda a diferença na continuidade do projeto. Em nossa análise, essas ações tão necessárias, se desenvolvem de maneira prazerosa para os estudantes, pois ao realizarem atividades juntamente com os/as professores/as, acabam por aceitar e valorizar o que aprendem, por que se descobrem como sendo o sustentador da própria história. Isso nos faz compreender o quanto esse projeto tem validade para o bairro e para a formação desses (as) estudantes. Garantir e Insistir a execução do mesmo é um ganho para a educação ilheense, um legado imensurável. Comungamos assim com o pensamento de Pereira (2010), quando afirma que

[...] as direções apontadas para atuação da escola só adquirem sentido pleno quando transformadas em práxis, desde que nessa mesma práxis se realize a partir de um debate permanente sobre os seus efeitos na vida de educandos e educadores, em particular e da sociedade em geral. (p.19)

Dessa maneira, as autoras do projeto Mulher negra a força que se explica, juntamente com os (as) co-autores (as), ao firmarem o dia 25 de julho (dia Internacional da Mulher Negra Latino Americana e caribenha) como uma data referência para solidificar essa Lei 10639/03 são para nós referência de atuação em uma educação com perfil de resistência. Há uma força ancestral nesse insistir, persistir, aquilombando-se, fortalecendo-se. Ainda que pareça difícil,

ou desconfortável, (sabemos o quanto é!) a nossa história que está sendo refeita. Precisamos tomar posse e fazer o “levantar”. Não nos cabe mais a inércia e recuos frente a tentativa de negação do povo negro. Nossa história só será recontada a partir da coragem de educadores (as) consciente e capaz de entender que a escola é lugar de (re)significação. Todas e todos no processo educacional são (e devem continuar sendo!) autores (as) de sua própria história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentamos aqui o relato de experiência que teve como objetivo apresentar a ancestralidade africana. Com o tipo de trabalho e com as práticas que evidenciaram a importância de se fazer acontecer a Lei 10639/03, nas escolas, tornando possível o trabalho de superação de alunas negras, (e aprendizados dos meninos negros sobre a menina e a mulher negra) visto que esse espaço muito contribui para que as estudantes negras se (re)conheçam, sintam-se representadas, positivamente, nesse contexto, estruturando-se e construindo sua forma de enfrentamento que por certo as fortalecerão de tal forma que esse modelo construído no ambiente escolar trará e já traz consequências e desdobramentos em outros contextos sociais.

Esperamos que este texto contribua como suporte nas práticas dos professores das escolas públicas e privadas e que seja um “disparador”, despertando nos docentes o interesse e a importância em fazer acontecer o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira nas escolas, desse **modo, compreendemos que** essa “força que se explica” chegará a atingir a totalidade de muitas mulheres negras, pois com a prática de trabalho como essas que visam a construção de identidade contribuirão para ampliar e desenvolver essa situação de que a ancestralidade africana é uma realidade da sociedade brasileira e que de fato deve ser levada a sério e mais intensamente ser discutida e trabalhada nas escolas, para fortalecer assim a identidade de muitas meninas/mulheres na atualidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- APPLE, Michael W. Educação e Poder. Trad. Maria Cristina Monteiro. Porto Alegre: artes médicas, 1989. entender).
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- MUNANGA, Kabengele & GOMES Nilma Lino. O negro no Brasil de hoje. Coleção para entender, São Paulo: Global, 2006.
- PEREIRA, Edimilson de Almeida. Malungos na escola: questões sobre culturas afrodescendentes e educação. São Paulo, 2010.

SANTANA, Patrícia Maria de Souza. Professora@s Negr@s: trajetórias e travessias. Belo Horizonte: Mazza, 2003.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Cultura e história dos negros na escola: dificuldades e encaminhamentos. Disponível em: http://www.casadeculturadamulhernegra.org.br/v1/rn_edu_ant02.htm>. Acesso em: 01 jun. 2018.